

MARIA ARAGÃO: mulher negra de lutas

Maria Aragão: Black woman of fights

Maria Aragão: mujer negra de luchas

Elisandra Cantanhede Ribeiro

Graduanda da Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros (UFMA)
jhuerbete@hotmail.com

Elizania Cantanhede Ribeiro

Graduanda da Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros (UFMA)
eliz.cantanhede@hotmail.com

José Jonas Borges da Silva

Especialista em Educação do Campo (UFMA) e Professor da Rede Estadual de Ensino do Maranhão
jonasmst@yahoo.com.br

Resumo

O texto faz uma recuperação da biografia da militante política Maria Aragão, que contribuiu para o processo de luta em torno das políticas sociais brasileiras, em especial para a população maranhense. Militava no Partido Comunista Brasileiro, mas sem deixar o exercício de sua profissão, a medicina, seu outro grande compromisso, pelo qual por muitos anos, contribuiu para salvar vidas de uma parcela da população que não tinha condições de arcar com seus direitos mais básicos, como saúde, educação e alimentação, com determinação no enfrentamento de todo tipo de injustiça. Mostra-se, na condição de negra e pobre, uma mulher à frente de seu tempo, com ideias e ações de enfrentamento ao conservadorismo que caracterizavam sua época. A luta política e social de Maria Aragão traz para nós uma visão, de verdadeiro sentido de luta por transformação social, que para ela era o comunismo.

Palavras-chave: Maria Aragão. Política. Mulher.

Abstract

The text makes a recovery of the biography of political activist Maria Aragão, who contributed to the struggle process around Brazilian social policies, especially for the population of Maranhão. He was a militant in the Brazilian Communist Party, but without leaving his profession, medicine, her other great commitment, for which for many years she contributed to save lives of a part of the population that could not afford his most basic rights, such as health, education and food, with determination to confront all kinds of injustice. It is shown, in the condition of black and poor, a woman ahead of its time, with ideas and actions of confrontation to the conservatism that characterized its time. The political and social struggle of Maria Aragão brings to us a vision of a true sense of struggle for social transformation, that for her was communism.

Keywords: Maria Aragão. Politics. Women.

Resumen

El texto hace una recuperación de la biografía de la militante política María Aragón, que contribuyó al proceso de lucha en torno a las políticas sociales brasileñas, en especial para la población maranhense. Militaba en el Partido Comunista Brasileño, pero sin dejar el ejercicio de su profesión, la medicina, su otro gran compromiso, por el cual por muchos años, contribuyó a salvar vidas de una parcela de la población que no tenía condiciones de arcar con sus derechos más básicos, como salud, educación y alimentación, con determinación en el enfrentamiento de todo tipo de injusticia. Se muestra, en la condición de negra y pobre, una mujer al frente de su tiempo, con ideas y acciones de enfrentamiento al conservadurismo que caracterizaban su época. La lucha política y social de María Aragón trae para nosotros una visión, de verdadero sentido de lucha por transformación social, que para ella era el comunismo.

Palabras clave: María Aragón. Política. Mujer.

Introdução

O lugar da mulher sempre foi uma imposição social demarcada pelo discurso que reserva o lugar da mulher em esfera sempre inferior na sociedade. Esse pensamento claramente de ordem machista, coloca a mulher como a pessoa que acompanha, na condição de existir se o outro, ou seja, o homem fizer com que ela exista. Nesta perspectiva, sem a anuência do homem a mulher estará quase sempre fadada ao fracasso. É comum ouvirmos que se um homem é bem-sucedido, ele tem uma mulher por trás dele, reiterando o discurso que condiciona a mulher como acompanhante, não podendo a mulher estar à frente.

Numa sociedade machista como a nossa, a condição da mulher negra se apresenta de forma muito mais difícil, no momento em que vivencia as relações autoritárias que caracterizam o machismo, acrescidas as relações de discriminação e preconceito étnico-raciais. Neste sentido, Silva (2013) afirma que,

As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza, a influenciar seus preditores e, conseqüentemente, suas estratégias de superação. Neste sentido, são as mulheres negras que vivenciam estas duas experiências, aquelas sempre identificadas como ocupantes permanentes da base da hierarquia social. No segundo, os problemas vivenciados por mulheres de um determinado grupo racial não são considerados, tanto porque não são identificados como problemas das mulheres, ao não serem compartilhados com mulheres do grupo dominante, como também não são percebidos como relevantes para seu grupo racial, por não serem compartilhados pelos homens daquela população. (SILVA, 2013,p. 109)

É na condição de mulher, negra e pobre que o texto trata de Maria José de Camargo Aragão, conhecida como Maria Aragão. Uma mulher que se apresenta como uma exceção entre as mulheres de sua época, posto ter cumprido papel completamente diverso do recomendado para alguém na sua condição. Maria Aragão reunia todas as características e condições para ser apenas mais uma na sociedade famigerada e desprovida de coisas boas para uma mulher, negra, nordestina e pobre. Heroicamente ela foi superando esses obstáculos um a um, até se tornar a grande guerreira.

Maria Aragão, mulher parda e continental, que vem quebrar todos os paradigmas que envolvem a mulher parda/preta. Maria, foi uma fonte infinita e fecunda de saber, foi a prova que educação e luta sempre são capazes de alavancar uma pessoa. Maria era filha de um uma “mulher analfabeta, não sabia nem ler nem escrever” (ANTONIO FRANCISCO, 1992, p.13) que sempre entendeu a importância do estudo, colocando seus filhos para estudar, pois mesmo sendo de origem muito pobre, tinha em seu íntimo o desejo de ver seus filhos em um lugar diferente de onde se encontravam. Isto muito contribuiu para que, mesmo passando pelas pressões daqueles tempos, pressões que pareciam destinadas às mulheres pardas/pretas (que não se diferenciam dos dias atuais), Maria não abandonou o seu sonho, mesmo com todos os desafios, como o do preconceito.

E preconceitos não faltaram a Maria, como relatado por ela mesmo em várias oportunidades. Antonio Francisco (1992, p. 56), registra quando em uma visita a uma amiga no Rio de Janeiro, e foi abordada por sua mãe, que, segundo a própria Maria, “[...] perguntou-me o que eu estava fazendo no Rio, disse-lhe que ia fazer vestibular para medicina. Ela me disse o seguinte: - “Maria, para você ter emprego aqui precisa ter boa aparência (traços europeus) senão você não consegue, aqui tudo é muito caro”.

Assim, percebemos na fala da mãe a reprodução do contexto e sabemos que a desconstrução de tal fala só se torna possível com o acesso a uma educação que ajude a construir um pensamento crítico sobre a realidade vivida. Com isso, Maria que vivia sempre lutando contra as duras que a vida lhe ofereceu, buscou definir qual seria seu lugar enquanto mulher e enquanto pessoa e transformar a sua realidade. Sua clareza a este respeito fica evidenciada na resposta ao comentário acima.

Dona Evangelista, a senhora disse tudo o que eu não tenho, mas se esqueceu do que eu tenho, coisas que a senhora conhece, a senhora sabe que eu tenho cultura, que eu sou inteligente, que eu tenho coragem, que eu tenho condições de arranjar um emprego, de arranjar trabalho e fazer um curso de Medicina. Dona Evangelina, eu vou ser médica (ANTONIO FRANCISCO, 1992, p. 57).

Maria queria fazer medicina, mas a medicina não queria Maria, afinal, este é um curso pertencente, historicamente, a uma elite branca e naquela época, masculina. A educação demarca as grandes desigualdades sociais, tanto assim, que.

Manejando dados estatísticos, a militante Sueli Carneiro examinou o peso da desigualdade em nossa sociedade. Segundo ela, é na educação que as desigualdades são mais fortes. “É ali onde as diferenças entre nós e as mulheres de outras etnias se tornam mais nítidas”. A taxa de analfabetismo atingia mais as negras e, ainda, elas eram minoria nas universidades. Segundo os dados apresentados por Sueli Carneiro, 48% das negras não conseguiam, em 1988, concluir um ano de estudo, enquanto que, entre as mulheres brancas, esta porcentagem caía para 24%. (GONÇALVES; SILVA, 2000, p. 154).

Assim, Maria Aragão, uma mulher pobre, negra e maranhense, teve toda uma vida dedicada inteiramente à luta contra diversas formas de discriminação, contra a opressão dos poderosos. Uma mulher que através da educação transformou sua realidade e buscou transformar a de outros, estando sempre ao lado dos menos favorecidos, com garra e determinação fez a diferença para muitos brasileiros. O nome dela ocupa lugar de destaque na história do Maranhão e do Brasil como exemplo de determinação, persistência, trabalho e ativez.

Entretanto, infelizmente, apenas uma parte da população maranhense e brasileira conhece a história dessa mulher que faz parte da nossa história de lutas contra os poderosos opressores; estes que historicamente dificultam as poucas oportunidades de mulheres, pobres, indígenas e negros obterem ascensão social através de uma educação de qualidade.

Sua vida e trajetória

Maria José de Camargo Aragão nasceu em 10 de fevereiro de 1910, em Engenho Central, hoje Pindaré Mirim, interior do Maranhão, região que ainda hoje é uma das principais áreas de conflitos de terra do estado. Terceira de uma família de sete irmãos, seu pai, Emídio Aragão, era guarda fios da Companhia de Telégrafos, descendente de africanos; e sua mãe, Evangelina Camargo de Aragão, mesmo sendo analfabeta, foi decisiva na educação e formação dos filhos. Foi dela a iniciativa de enviar os filhos para a capital para assim poderem dar um estudo de qualidade para os filhos.

A família se deslocou para São Luís-MA, onde Maria Aragão concluiu o curso primário, fez o exame admissional e vai estudar no Liceu Maranhense, sua mãe queria que ela cursasse o Curso Normal, que era a formação de professores da época e ela queria o Curso Ginásial, que dava direito aos alunos prestarem o vestibular. Vale salientar que quase todas as mulheres da época optavam pelo Curso Normal, para assim exercerem a profissão de professoras. No caso, para a mãe de Maria Aragão, em esta se formando professora, seria mais fácil conseguir um emprego e ajudar nas despesas da família, já que muitas vezes não tinham nada para comer em casa. Este é um dos motivos que Maria Aragão nunca levava lanche para a escola, no horário de recreio, enquanto todos saíam da sala, ela continuava lá, aproveitava para subir no banco e estudar geografia no mapa pregado na parede (MOREIRA NETO, 2015). Em suas próprias palavras

Eu era raquítica, pequena, aí subia num banco e ficava estudando Geografia no mapa que estava na parede. Eu não tinha atlas e achava lindo, tinha uma inveja das crianças que carregavam aquele atlas para estudar Geografia, e eu estudava nos mapas de parede, mas eu sabia Geografia (MOREIRA NETO, 2015, p. 37).

De acordo com (MOREIRA NETO, 2015) atendendo o anseio de sua mãe, Maria Aragão concluiu o Curso Normal, conforme o desejo de sua mãe, e é aprovada como aluna brilhante e de destaque, graças aos muitos esforços de sua mãe que colocava os filhos para estudar à noite e os acordava na madrugada sempre ao cantar do galo, para estudarem novamente. Maria Aragão fez em seguida o Curso Ginásial em dois anos, uma espécie de supletivo que dava o direito de prestar o vestibular, já que alimentava o sonho de ser médica.

Doente, a mãe de Maria Aragão precisava de cuidados médicos, e Carlos Macieira (médico famoso em São Luís) indicou um médico no Rio de Janeiro. Em julho de 1934, ela chegou ao Rio com a mãe que morreu pouco tempo depois. Após a morte da mãe, ela decidiu então começar o Curso de Medicina, decidindo-se pela antiga Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). Sem recursos, Maria Aragão enfrentou inúmeros sacrifícios, mesmo passando todo tipo de privações, dormindo apenas três horas por noite e passando até fome, ela não desistiu e seguiu obstinada e focada em seu objetivo maior que era concluir o curso.

Para tanto, ela decide, então, que tinha de trabalhar e começou a dar aulas de português, e foi com esse dinheiro que ela conseguiu sobreviver. Depois, optou por fazer concurso para enfermagem, sendo aprovada. Com isso, passou a trabalhar à noite, dedicando o dia todo à faculdade, ao hospital e às aulas que dava como professora. Assim, conseguiu

cursar os três últimos anos do curso. Sua formatura aconteceu em 12 de novembro de 1942. Já médica, ingressou na área da Pediatria e foi trabalhar no Rio Grande do Sul, onde enfrentou preconceito por ser mãe solteira, já que tinha uma filha. Tempos depois Maria Aragão sofreu novo golpe, a filha morreu vítima de uma epidemia e ela entrou em depressão, abandonou o trabalho e voltou para o Rio de Janeiro. Desde então ela abandonou a Pediatria e passou a atuar na área da Ginecologia.

Em 1944, começou a trabalhar no hospital Miguel Couto, neste ano passou a frequentar reuniões do Partido Comunista do Brasil (PCB), após participar do histórico comício de Carlos Prestes no estádio de São Januário, ficou encantada com a figura e a fala do líder comunista, ali ela decidiu entrar para o PCB. Em 1945, Maria Aragão retornou ao Maranhão com o objetivo de organizar e fortalecer o partido no estado, assim ela desenvolveu intensa atividade política, com muitos comícios escrevendo e distribuindo panfletos e jornais, além de manifestações nas portas das fábricas. Neste período, o Partido chegou a 2.600 filiados.

Maria, Prestes e o PCB

Falar da vida política de Maria Aragão é entrar em um universo intenso e marcado por histórias que fizeram dela uma mulher decidida e construtora de sua própria história. Intensidade e ousadia foram palavras-chaves na vida desta mulher que foi, através de sua determinação, construtora de novos processos de luta no Maranhão.

O contexto social e político em que Maria Aragão vivenciou foi um momento extremamente conflituoso, tanto no campo das ideias, das mentalidades e dos regimes sociais pelos quais o país estava passando, nesse sentido ser mulher e ser mulher negra e ainda ser declaradamente comunista constituía, e ainda constitui, um grande afronte à sociedade que era marcadamente conservadora, patriarcal e racista.

Seu principal influenciador político, se é que podemos falar dessa maneira, foi ser Luis Carlos Prestes, o chamado “Cavaleiro da Esperança”, que no início do século XX marcou sua trajetória política à frente da famosa Coluna Prestes, marchando do Rio Grande do Sul e passando por várias regiões do Brasil. Prestes foi mais do que um agente revolucionário nas fileiras das lutas comunistas, para Maria, foi o grande dirigente a ser seguido.

A influência de Prestes para Maria, assim como para muitos brasileiros deveu-se em parte porque

Luís Carlos Prestes é considerado por alguns historiadores como o maior personagem da esquerda brasileira. Ficou conhecido, entre outras coisas, por ter tentado, duas vezes, tomar o poder no país pelas armas. Uma delas, na década de 1920, na quase mitológica Coluna Prestes. A outra, na década de 1930, na chamada Intentona Comunista. Na primeira ocasião, foi para o exílio. Na segunda foi preso pelo governo de Getúlio Vargas (AZEVEDO, 2016, p.44).

Esse era o Prestes pelo qual Maria se fascinou naquele comício no Rio de Janeiro, no estádio do Vasco da Gama, conhecido como São Januário, onde ouviu o discurso que lhe faria dar novos rumos a sua vida, sua carreira como médica e sua trajetória política. Esse comício de Prestes marcou sua volta ao Brasil depois de anos no exílio, onde teve seus contatos com as literaturas marxistas e que posteriormente faria formações na antiga URSS, de onde também partiu a decisão de torná-lo presidente do PCB.

O dia era 23 de maio de 1930, Maria Aragão há pouco tinha se formado em Medicina, saía de um relacionamento conturbado como o jornalista Amorim Parga e necessitava dar um novo rumo à sua vida, e isso é muito importante ser destacado, pois as inquietações de Maria Aragão não partiram de estudos sobre a sociedade, mas de sua condição de médica, mulher, negra, nordestina e pobre. E é nesta condição que passou a compor as fileiras do PCB neste dia.

Suas inquietações com a área da saúde fizeram com que pensasse em ir para o Acre, pois queria dar uma utilidade social para sua formação como médica e acreditava que as terras longínquas deste estado lhe ofereceriam essa oportunidade, porém, tudo foi desconsiderado a partir do já mencionado comício no São Januário, onde ouviria as palavras de Prestes e seria “arrebataada” pelo comunismo.

Após o comício em São Januário, Maria decidiu entrar para o PCB, conhecido como partidão. Anteriormente já tinha contato com integrantes do Partido, tinha amigas e outros conhecidos que vinham das terras do Maranhão para o Rio de Janeiro, no dia posterior ao comício de Prestes Maria procura Arcelina Mochel e Eliane Mochel e lhes comunicou que queria entrar no Partidão. Ela estava decidida, agora queria ser comunista.

A militância no Maranhão

Em 1945, após sua entrada no Partido Maria foi enviada para o estado do Maranhão com a tarefa de organizar o Partido, e sua primeira tarefa foi distribuir o jornal *Imprensa*

Popular, que circulava no Rio de Janeiro. Posteriormente a isso passou a organizar o jornal local *Tribuna do Povo*, revelando-se uma grande agitadora e organizadora política.

Sua espontaneidade foi uma marca do início de sua militância, pela pouca formação política, o que fazia ser considerada por muitos como “louca” e/ou representante de “perigo” à sociedade, o que, Segundo Azevedo (2016, p. 49) fazia com que os comunistas mais antigos desconfiassem daquela liberdade momentânea. Mas Maria voluntariosa e inexperiente agia na base do entusiasmo. Mas como “de médico e louco todo mundo tem um pouco”, como diria o ditado popular, foi assim que foi sendo formado um grande quadro da militância no Nordeste e no Brasil.

O Partido tinha em sua organização local pessoas do seio das classes desprivilegiadas, eram pessoas da cidade, do campo, analfabetos, e Maria junto a outros companheiros tinham a tarefa de organizar esses sujeitos dentro do partido. Com o retorno do Rio de Janeiro ao seu estado, Maria trouxe consigo exemplares do jornal acima citado, onde trouxe uma imagem sua com um artigo falando sobre sua entrada na direção do partido dentro do estado do Maranhão.

Mesmo com o PCB na legalidade, em um momento onde as possibilidades de construção de uma organização mais aberta e centralizada, alguns dirigentes viam esse momento com extrema delicadeza, ainda que tivessem conseguido eleger alguns senadores, o clima de divisão entre duas potências políticas mundiais fazia com que houvesse uma bipolarização no mundo, e o Brasil não ficaria de fora, em 1947, Eurico Gaspar Dutra, então presidente do país, cassa a legalidade do PCB, que volta à clandestinidade.

A militância de Maria foi marcada por vários momentos de conflitos e tensões, e ela não era alvo somente dos inimigos vinculados à política partidária, setores da igreja católica nutriam por ela um ódio violento e isso pode ser compreendido pelo fato de que a igreja católica no Brasil tem bases profundas com o elitismo, o fundamentalismo e um intenso processo de dominação, fazendo um papel de amortecedor entre as classes distintas. Nesse sentido, Maria Aragão era uma personagem completamente avessa aos ideários propagados pela igreja, afinal “No Rio de Janeiro ela foi mãe sem estar casada e viveu com um homem sem passar pela igreja. Para completar, o comunismo era ateu. Eram situações intoleráveis para o catolicismo de então” (AZEVEDO, 2016, p.173).

Esses e outros fatores de ordem política e religiosa fizeram com que Maria fosse extremamente perseguida por setores conservadores da igreja católica, lhe ocasionando momentos de verdadeiras caçadas, ganhando a alcunha de “demônio comunista.” Em uma

dessas perseguições Maria foi apedrejada por populares influenciados pelo padre da localidade. Maria representava o oposto da moral da sociedade onde vivia, era mulher que contrariava as ideias conservadoras e defendia abertamente seus posicionamentos políticos.

A igreja católica também vivia seus momentos de crises e transformações e isso fez com que houvesse uma aproximação entre os movimentos populares e setores da igreja que buscavam as causas das desigualdades sociais. Esse movimento ficou conhecido como “Teologia da Libertação”, e teve Dom Helder Câmara seu maior expoente no Brasil. Isso fez com que houvesse um movimento contrário à imagem de Maria. Passou a haver uma articulação entre esses dois setores que outrora mantinham relações extremamente conflituosas.

A greve de 1951 foi o momento de sua primeira prisão, e sobre isso Maria relata que houve uma armadilha montada pelo governo para prendê-la, e isto porque o Partido já estava na ilegalidade e mesmo assim continuava seus trabalhos. A armadilha foi que, com a mentira de que tinha um cliente lhe esperando com um caso de urgência, fizeram com que Maria saísse de casa. Ao sair de casa e caminhar em direção ao suposto carro que iria levá-la para seu consultante, saíram homens de dentro do carro, lhe agarraram e a levaram para a delegacia, Maria conta que deu muitas risadas dessa ação, pois ela acertou “uma joelhada no culhão dele” referindo-se a um dos agentes que vieram lhe prender.

Passados mais de oitenta dias presa, Maria foi libertada, pois não conseguiram elementos para manter a prisão, porém sua soltura se deu pela ação de defesa feita por seu Partido, que lhe enviou o advogado do próprio Prestes. Importante destacar que durante todo este tempo de prisão não lhe foi permitida qualquer visita. Mas, apesar das dificuldades do momento, este foi também um importante momento de solidariedade à Maria Aragão. Pessoas ocuparam os corredores da delegacia onde estava presa, levando alimentos, bebida, e muito carinho, apesar de não poderem falar com ela. O mesmo aconteceu nos momentos em que ela esteve no hospital para tratar de uma infecção que contraiu ainda na delegacia. Isso fez com que Maria Aragão se tornasse a Maria que conhecemos.

Profissionalismo de Maria Aragão

Os médicos têm muitas funções que automaticamente se tornam ações, como por exemplo: lidar com vidas, orientar, aconselhar, fazer intervenções clínicas ou cirúrgicas, tomar decisões urgentes, enfim, infinitas ações dos médicos que foram socializados a se

sentirem responsáveis pela vida das pessoas que os procuram em busca de atendimento. Portanto, tornaram-se guardiões da vida (MACHADO, 1997).

Com todos esses exemplos acima, enfatizar fortemente a presença da médica Maria Aragão em uma de suas mais belas e queridas profissões, é algo extremamente enriquecedor. Levada a uma forte admiração por um médico, amigo da família, Tarquínio Lopes, Maria Aragão decidiu seguir a profissão de médica. Em um de seus depoimentos ela afirmou: “Eu tinha sido motivada a estudar Medicina, graças à admiração que eu tinha pelo Dr. Tarquínio Lopes, um dos médicos mais importantes aqui desse Maranhão passado. Mas esse estudo pra mim foi uma das coisas mais difíceis” (MOREIRA NETO, 2015. p.42).

Como já dito, Maria Aragão chegou ao Rio de Janeiro com muito sacrifício e pouquíssimos recursos financeiros. Sua situação mais difícil era a fome que passou, fome esta que lhe acompanhou desde a infância, pois como ela mesma afirmava “[...] vivi desde os primeiros anos de minha vida este sinal, o sinal da fome” (HOLANDA, 2005, p. 24).

Mas sua persistência era grande, e sua principal meta era se graduar no curso dos seus sonhos: Medicina. Mas, para isso, era necessário trabalhar para manter seus estudos, então com a ajuda de seu irmão José Maria, sargento do Exército no Rio de Janeiro, ela conseguiu alunos e passou a dar aulas de português para motoristas, cobradores, operários, exercendo assim sua primeira formação que era de professora (profissão essa, exigida pela mãe). O que ganhava ainda era pouco, mas dava para sobreviver. Portanto em 1936, no segundo ano de Medicina, quase deixou o curso, pois estava doente, por passar fome.

No Hospital Miguel Couto, onde trabalhava como ginecologista, suas pacientes eram pessoas carentes, com problemas semelhantes ao seu. Ela tratava todos da mesma maneira, com muito carinho e atenção e a forma de atender os pacientes foi o que a marcou como médica. Não bastava só medicar, ela tratava, cuidava, facilitava o atendimento junto a outros médicos, doava medicamentos e entregava-se por inteiro àquelas pessoas. Estes atendimentos foram de suma importância, pois “[...] foi com o povão atrasado, pobre, miserável, que eu consegui ser a doutora Maria Aragão” (ANTONIO FRANCISCO, 1992, p. 92).

Em 1970, empregou-se na Liga Maranhense de Combate ao Câncer, atualmente Fundação Antônio Jorge Dino, conhecida como Hospital Aldenora Belo, e também nos Postos de Saúde do João Paulo e Anil.

Para Maria Aragão, ser médica significava a possibilidade de mudar a vida das pessoas pobres, e por isso ela se empenhou pela melhoria das condições sociais, lutando firme e forte

e não desistindo de seus objetivos. Trazendo resultados positivos para a saúde da população maranhense.

Como médica Maria Aragão, durante muito tempo atendeu de graça, ia à casa dos pacientes e estes só pagavam sua despesa de transporte, pois ela não tinha dinheiro sequer para pagar o transporte, na época, o bonde, então andava muito a pé. Montou um consultório em sua residência, mas recebia muito pouco pelas consultas.

O legado

Ao pensar em obras de pessoas e seu legado, logo se têm em mente livros, artigos, pesquisas, enfim, produção acadêmica. Mas a obra de Maria Aragão, seu legado, vai além desse tipo de produção e perpassa por sua índole, sua personalidade, e o estilo de vida que escolheu para si.

Sua militância durou até o fim de sua vida e participou da criação da Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos - SMDDH, e da criação da Central Única dos Trabalhadores - CUT, dentre outras coisas. Seguiu com suas atividades acompanhando as mudanças da época, suas próprias mudanças pessoais, e ainda assim mantendo-se firme em seus ideais. Além disso, “No meio de toda aquela efervescência, Maria Aragão seguiu aprendendo, tendo a capacidade para assimilar a nova conjuntura e os novos atores sociais” (AZEVEDO, 2016, p. 220).

Mudanças na sua forma de militar e de encarar as questões raciais no Brasil se caracterizam como um marco em sua trajetória, e “[...] mostram que a antiga professora autoritária e dirigente partidária autossuficiente, tornou-se, com o passar do tempo, uma militante popular que queria ensinar, mas que também passou a ouvir e aprender com as mais diferentes pessoas” (AZEVEDO, 2016, p. 229).

Esse caminho a levou à criação de uma vasta obra no âmbito da educação política. Segundo Azevedo (2016) Maria resolveu se dedicar a um trabalho sério na área da educação política por enxergar aí uma lacuna, por perceber que muitos haviam se tornado comunistas apenas por entusiasmo, porque alguém da família era, e até mesmo porque a própria o era.

Aceitou esse desafio e ao permanecer na militância, já idosa, passou a interagir com muitos jovens a quem orientou e insistiu que estudassem. Mas, mesmo com tudo isso, sua grande contribuição para educação política desses jovens e de gerações vindouras, foi sua própria história de vida onde suas ações sempre andaram lado a lado com seu discurso, afinal,

“A mesma médica que fazia e distribuía jornal na década de 1950, participava de panfletagens nos anos de 1980, num longo e profundo compromisso com as causas que abraçou. Foi assim que se tornou referência” (AZEVEDO, 2016, p. 230).

Maria enxergava as desigualdades sociais e não conseguia se adaptar a uma realidade social que considerava injusta. Lutou contra isso, foi uma subversiva. Acreditava em “uma revolução que iria dar um ponto final no modo de produção capitalista e a exploração dos padrões sobre os empregados, dos ricos sobre os pobres” (AZEVEDO, 2016, p. 231).

Em uma luta incessante manteve-se firme até o fim de sua vida. E sobre sua trajetória e sua busca por uma educação política, Azevedo (2016, p. 231) nos diz que “quando Maria falava em educar politicamente, ela queria, naturalmente, formar vários outros subversivos, revolucionários, comunistas. Não foi por acaso ela ter sido presa, sempre pelo poder da elite, nas décadas de 1950, 60 e 70”.

Vê-se muito da pedagogia freiriana nas posturas de Maria, que acreditava piamente na educação através do exemplo. Dito isto, seu maior legado foi sua própria história de vida. Além disso

Maria Aragão foi contra um estado de coisas que sempre interessou aos que estão no topo da pirâmide social; situados no comando de um Estado a serviço de interesses privados, em poderosas empresas e igrejas; e a um setor da classe média que vive deslumbrada, olhando vitrines, de costas para as causas do flagelo que nos cerca. Por tudo isso, é melhor para muitos louvar a “santa” que teve sua estátua na praça, do que tratar da mulher negra, médica comunista, despojada, ateia, subversiva, de espírito livre, desbocada, alto astral, braba, sensível, educadora, revolucionária, panfletária, provocadora, que comprou brigas políticas até os seus 81 anos (AZEVEDO, 2016, p. 234).

Diante disso, é fácil perceber porque a verdadeira história dessa mulher causa incômodo para os setores conservadores a sociedade. E mais fácil ainda entender porque alguns tentam se apropriar de seu nome ou desvirtuar a sua história para fins políticos, a exemplo do artigo intitulado “Adeus, Maria” do jornalista José Louzeiro, publicado no jornal O Estado do Maranhão, por ocasião de sua morte. Além dessa, muitas foram as tentativas, os discursos, que tentaram distorcer os fatos sobre a vida dessa mulher na intenção de criar a imagem de uma mulher caridosa e abnegada, uma heroína, um ícone de maranhensidade, muitas vezes ignorando o papel político desempenhado por ela, e sua importância, no contexto nacional.

Portanto, mulher, negra, ativista política e militante dos movimentos sociais, Maria deixou sua marca na história. Marca esta que está além da imagem de mulher caridosa, do “arquetipo da Santa Mãezinha”. Uma marca que remete a seus ideais e aos muitos percalços

que encontrou no caminho por se manter firme em suas convicções. Com sua morte, seu exemplo deixou para as gerações futuras o legado de uma mulher guerreira, de fibra, que não se deixou abater, uma lutadora.

Considerações

Maria Aragão buscou trabalhar em prol de políticas que pudessem efetivamente mudar a vida da população mais empobrecida, principalmente do Maranhão, buscou através dessas políticas e do espaço dentro da política no PCB. Foi importante e fundamental para as mulheres de sua época dando a elas orientações e também mostrando o valor de ser “dona de seu próprio nariz”. A luta da mulher em relação de gênero tem um entrave a mais, mas isso não faz com que esse processo de luta fosse mudado, pelo contrário significa um desafio a mais nesse processo de mudança.

Para Maria Aragão:

[...] eu sempre achei que uma mulher não pode viver sem independência econômica. A coisa mais importante para uma mulher não é o marido, não que eu seja contra o marido, eu acho o homem uma coisa deliciosa, acho que é uma beleza, acho que o amor e que a vida a dois é uma maravilha. Quando entre eles existe amor, não há coisa mais linda. Mas, acho também que o homem não seja fundamental para a mulher (MOREIRA NETO, 2015, p. 218).

Maria nunca desistiu de lutar pela equidade e pela justiça social. Dedicou-se à causa social incansavelmente, para que pudessem garantir sobrevivência e tivesse apoio necessário para seguir em frente. O protagonismo de Maria Aragão fez com que muitas mulheres transformassem suas vidas e mudassem completamente suas histórias.

A mulher na história do Brasil é invisibilizada no contexto de lutas, antes vista de forma estereotipada. Hoje trouxemos aqui um exemplo de mulher que rompeu com os diversos estereótipos femininos. Uma mulher negra, médica que construiu um grande legado para os maranhenses, que mesmo tendo sido vítima de perseguição e agressão, mas, com seu senso de liderança, nunca deixou de enfrentar oligarquias políticas e de lutar contra o regime militar na década de 1960. Como médica, se dedicou a causas sociais, ajudando os mais necessitados e lutando sempre por igualdade e justiça. Até hoje, ela é referência para as lutas populares no Maranhão.

Com objetivo de manter vivo o ideal de luta contra a injustiça e a desigualdade social, um grupo de amigos de Maria Aragão decidiu criar o Instituto Maria Aragão, em 09 de

fevereiro de 2001, o Instituto visa desenvolver atividades e apoiar ações em defesa dos direitos humanos, além de organizar acervos de dados relacionados a história e a memória das lutas sociais e políticas do Maranhão.

Devido à relevância histórica que possui para o estado foi criado uma obra que foi um projeto realizado por Oscar Niemeyer. O que poucos sabem é que ele só assumiu a proposta de realizar o projeto do Memorial Maria Aragão devido à identificação ideológica que possuía com a homenageada. No Maranhão, ela foi líder do Partido Comunista Brasileiro, do qual Niemeyer também participou. Além disso, os dois eram amigos próximos. O Memorial Maria Aragão representa o valor que a ativista política tem para o estado. Quem passa por lá pode conhecer o acervo que expõe fotos e objetos da homenageada, além de participar dos diversos eventos culturais que ali são realizados.

Maranhense, Maria Aragão é uma das personagens femininas mais expressivas do século passado. Sua história de luta pela superação da pobreza e do preconceito, os quais assinalaram sua vida enquanto mulher negra, é um marco na memória do estado.

Referências

ANTONIO FRANCISCO. **Maria Aragão: a razão de uma vida**. São Luís: SIOM, 1992.

AZEVEDO, Emilio. **Uma Subversiva no fio da história**, São Luís: Vias de Fato, 2016.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.15, p. 134-158, set./dez. 2000.

HOLANDA, Lúcia de Fátima Nogueira. Uma questão de consciência. **95 Anos de Maria Aragão e 4 do IMA**, São Luís, 10 fev, p. 23-24, 2005. Edição especial.

MACHADO, Maria Helena. **Os médicos no Brasil: um retrato da realidade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

MOREIRA NETO, Euclides. **Maria por Maria ou a saga da besta-fera nos porões do cárcere e da ditadura**. São Luís: EDUFMA, 2015.

SILVA, Tatiana Dias. Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. In: MARCONDES, Mariana Mazzini et al. (Org.). **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília, DF: IPEA, 2013. Cap.4. p. 109-131.

Elisandra Cantanhede Ribeiro

Graduanda em Estudos Africanos e Afros- brasileiros pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Participa do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão sobre a África e o Sul Global (NEAFRICA).
E-mail: jhuerbete@hotmail.com.

Elizania Cantanhede Ribeiro

Graduanda da Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).
E-mail: eliz.cantanhede@hotmail.com.

José Jonas Borges da Silva

Graduado em Geografia -Universidade Estadual Paulista – UNESP Presidente Prudente – SP, Especialização em Educação do Campo – Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Graduando da Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros - Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Professor da Rede Estadual do Maranhão.
E-mail: jonasmst@yahoo.com.br.